

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE ORDEM DE PALAVRAS EM LÍNGUAS ROMÂNICAS DE SUJEITO NULO

Inês Duarte

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Departamento de Linguística Geral e Românica
aij@mail.telepac.pt

1. Introdução

Em Português Europeu, no caso não marcado (i.e., em que a ordem de palavras está associada a contextos discursivos neutros e não a contextos discursivos específicos), a ordem canónica SVO é a única apropriada:

- (1) a. O que aconteceu?
b. O *João estragou os pincéis*.
c. #Estragou o João os pincéis¹.
d. #Estragou os pincéis o João.

A gramaticalidade de frases com sujeitos pós-verbais em PE mostra que o movimento do sujeito para fora de VP em (1b) não tem como motivação a verificação de traços não interpretáveis como, por exemplo, traços de Caso (cf. (2), (3)):

- (2) a. Com o incêndio, arderam *muitos hectares de floresta*.
b. Encontraram-se *novos vestígios de dinossáurios* na zona centro.
c. Foram recenseados *9 casais de golfinhos* no estuário do Sado.
d. Ainda existem *lincas* na Serra da Malcata.
- (3) a. Estava *eu* a fazer o jantar quando a Maria telefonou.
b. Estávamos todos a conversar, telefona *a Maria* e diz: ...
c. Tocou *o telefone*: vai atender.

¹ Utilizo o símbolo ‘#’ para indicar que a frase, embora gramatical, não constitui uma resposta apropriada à pergunta.

O contexto discursivo (1a) mostra adicionalmente que o movimento do sujeito para a posição de *Spec, IP* não tem também como motivação factores relacionados com a oposição *dado/novo*, i.e., o sujeito não é movido para posição pré-verbal em (1b) por ser *dado*.

Inspirada no trabalho de Reinhart (1982) sobre o papel desempenhado pelos tópicos na interpretação das frases, propus que em Português europeu os sujeitos pré-verbais são interpretados como tópicos, tendo embora características que os distinguem de constituintes «antepostos» em construções como a Deslocação à Esquerda Clítica ou a Topicalização (cf. Duarte, 1987). Assim, em PE, um sujeito pré-verbal permite a criação de uma estrutura temática analisável no par tópico-comentário², uma ideia presente implicitamente na tradição gramatical luso-brasileira, em definições do sujeito como «o ser sobre o qual se faz uma declaração» (Cunha & Cintra, 1984: 122).

Esta estrutura temática é estruturalmente aquilo que É. Kiss (1995) chama uma «predicação primária», que a autora define como em (4):

(4) Predicação primária (É. Kiss, 1995: 211)

VP tem uma relação de predicação primária com um XP sse:

- i. XP c-comandar VP,
- ii. não existir nenhuma categoria máxima que inclua VP e exclua XP, e
- iii. XP ligar uma posição argumental vazia interna a VP.

Em línguas que fixam o valor negativo para o Parâmetro do Sujeito Nulo, a presença de um sujeito c-comandando VP não cria necessariamente uma estrutura de predicação primária, uma vez que as propriedades do núcleo I exigem um XP lexical na posição de *Spec, IP*, mesmo quando tal XP não é um argumento do verbo. Assim, frases como (5) não são estruturas de predicação primária, uma vez que o elemento expletivo em itálico não liga nenhuma posição argumental interna ao VP:

- (5) a. *Il a été mangé trois pommes.*
 b. *There is a smiling ghost in her castle.*

Pelo contrário, em línguas que fixam o valor positivo para o Parâmetro do Sujeito Nulo, a presença de um XP na posição de *Spec, IP* cria sempre uma estrutura de predicação primária, interpretável como uma estrutura tópico-comentário, já que as propriedades de I não exigem um XP lexical na sua

² Vejam-se igualmente as oposições juízos categóricos / juízos téticos, de Kuroda (1972-1973), predicação / apresentação, de Guéron (1980).

posição de *Spec*. Assim, nas línguas deste tipo, a posição pré- ou pós-verbal do sujeito tem reflexos directos na interpretação a atribuir à frase e na estrutura informacional da mesma. De acordo com Calabrese (1991), frases com sujeitos pré-verbais são estruturas de predicação, o que determina uma certa interpretação da frase, enquanto frases com sujeitos pós-verbais são estruturas de apresentação, o que condiciona outra interpretação. Do ponto de vista da estrutura informacional, uma estrutura de predicação atribui tipicamente o estatuto de novo ao VP ou a toda a frase, enquanto uma estrutura de apresentação atribui tipicamente o estatuto de novo ao sujeito.

Existem várias formas de implementar tecnicamente esta hipótese. Uma delas consiste em considerar que em línguas de sujeito nulo o núcleo funcional I pode entrar na numeração com um traço funcional de natureza discursiva [tópico], caso em que atrai um XP para a sua posição de *Spec* (cf. Duarte, 1997, Zubizarreta, 1998); quando isto acontece, o movimento de tal XP assegura o licenciamento morfológico e temático (cf. Raposo, 1997) das categorias envolvidas. Alternativamente, pode entrar na numeração um núcleo I sem este traço funcional, decorrendo daqui que nenhum XP lexical é atraído; nestas circunstâncias, o licenciamento morfológico das categorias envolvidas é assegurado por movimento apenas do traço relevante, se assumirmos o modelo apresentado em Chomsky (1995)³.

Percebe-se, por isso, facilmente, que a ocorrência de sujeitos pós-verbais em declarativas finitas, seja, desde há muito, considerada uma propriedade característica das línguas de sujeito nulo, sob o nome de «inversão livre», i.e., um tipo de inversão que, do ponto de vista estritamente sintáctico, é sempre permitida pela gramática (cf., por exemplo, Chomsky, 1981, Burzio, 1981/1986, Rizzi, 1982).

Contudo, em diferentes línguas de sujeito nulo, a chamada inversão livre não obedece às mesmas condições e os sujeitos pós-verbais também não parecem ocupar a mesma posição.

Neste trabalho, considerarei algumas destas diferenças em frases declarativas em início de discurso e em respostas redundantes a interrogativas-Q que introduzem foco largo (i.e., em que toda a resposta tem o estatuto de novo) em Português europeu, no Espanhol peninsular e no Italiano padrão. Por facilidade de exposição, passarei a referir as variedades consideradas apenas como Português, Espanhol e Italiano.

³ Em Costa & Duarte (no prelo), propõe-se uma implementação técnica diferente da mesma hipótese, baseada no Parâmetro EPP (cf. Alexiadou & Anagnostopoulou, 2001, Bailyn, 2001).

2. Espanhol vs. Italiano e Português

Contrariamente ao Espanhol, o Italiano e o Português não admitem a ordem XP VSO em início de discurso (veja-se o contraste entre (6) e (7)-(8))⁴.

- (6) a. Todos los días compra Juan el diario. (Zubizarreta 1998: 100-101)
 b. El primer día de escuela deberá acompañar cada madre a su hijo. (*id*: 100-101)
 c. Ayer presentó María su renuncia. (*id*: 100-101)
- (7) a. *Tutti i giorni compra Giovanni il giornale⁵.
 b. *Il primo giorno di scuola devono accompagnare le madri i figli.
 c. *Ieri ha rassegnato Maria le sue dimissioni.
- (8) a. *Todos os dias compra o João o jornal.
 b. *No primeiro dia de escola deve(rá) acompanhar cada mãe o(s) filho(s).
 c. *Ontem apresentou a Maria a demissão.

Contrariamente ao Espanhol, o Italiano e o Português exigem a ordem XP SVO, mesmo quando o XP em posição inicial não constitui uma entidade entoacional própria (veja-se o contraste entre (9) e (10)-(11), exemplos em que a vírgula assinala que o constituinte em posição inicial é uma unidade entoacional).

- (9) a. Todos los días *(,)Juan compra el diario. (*id*: 102)
 b. El primer día de escuela *(,) cada madre deberá acompañar a su hijo. (*id*: 102)
 c. Ayer *(,) María presentó su renuncia. (*id*: 102)
- (10) a. Tutti i giorni (,) Giovanni compra il giornale.
 b. Il primo giorno di scuola (,) le madri devono accompagnare i figli.
 c. Ieri (,) Maria ha rassegnato le sue dimissioni.
- (11) a. Todos os dias(,) o João compra o jornal.
 b. No primeiro dia de escola(,) cada mãe deve(rá) acompanhar os filhos.
 c. Ontem(,) a Maria apresentou a demissão.

A diferença entre o Espanhol e o Italiano e o Português ilustrada pelos paradigmas (6)-(8) e (9)-(11) constitui uma primeira evidência empírica a

⁴ Não estou, é claro, a considerar aqui construções de Inversão Locativa, de resto pouco frequentes com verbos transitivos em Italiano.

⁵ Os dados do Italiano que não têm indicação da fonte foram fornecidos por Serenella Pelaggi, a quem agradeço.

favor da ideia de que as condições de legitimação dos sujeitos pós-verbais nas línguas românicas de sujeito nulo não são idênticas.

Aceitando a hipótese de que as diferenças nas condições de legitimação dos sujeitos pós-verbais deve ser encontrada na especificidade dos núcleos funcionais que definem a arquitectura das frases, o comportamento evidenciado pelo Espanhol pode ser atribuído, na sequência da análise proposta em Zubizarreta (1998), às propriedades do núcleo funcional mais alto da frase nesta língua, que a autora considera ser T. Assim, de acordo com esta autora, T é sincrético, podendo conter, entre outros, um traço funcional de natureza discursiva, [tópico].

Quando é seleccionado um núcleo T com este traço, tanto DPs sujeito, como advérbios referenciais – i.e., constituintes com um traço [tópico] – podem ser atraídos para a posição de *Spec, TP*, derivações que correspondem, respectivamente, a frases como (12) e a frases como (6):

- (12) a. Juan compra el diario todos los días.
 b. Cada madre deberá acompañar a su hijo en el primer día de escuela.
 c. María presentó su renuncia ayer.

O núcleo T pode apresentar igualmente o traço [*wh*-], atraindo para a sua posição de especificador sintagmas-*wh*⁶, o que poderia explicar a presença / ausência de inversão com sintagmas-*wh* argumentais *vs.* não argumentais (cf. (13)) e a ocorrência de interrogativas-*wh* como (14):

- (13) a. No sé [TP [qué cosa]_i comió_j María t_j t_i]. (cf. *id*: 105)
 b. No sé [CP [porqué]_i [TP María no vino t_j]]. (cf. *id*: 105)

- (14) Mara me preguntó que [TP [qué libros]_i había comprado yo t_j en Russia]] (cf. *id*: 183)

Ainda de acordo com esta análise, a agramaticalidade das frases (9) resulta das propriedades V/2 do Espanhol: o Espanhol partilharia, assim, com algumas línguas germânicas a fenomenologia V/2, distinguindo-se destas por o núcleo relevante para tal fenomenologia ser T e não C e por, como corolário da fixação do valor positivo para o Parâmetro do Sujeito Nulo, a posição de *Spec, TP* poder ser ocupada por advérbios temporais sem realização lexical controlados pelo tempo da enunciação ou pelo discurso, o que permite frases como (15a) e (15b), respectivamente.

- (15) a. Acaba de ganhar España el mundial de football. (*id*: 108)
 b. Lavó NINA los platos (no María). (*id*: 108)

⁶ Tanto quanto sei, esta hipótese foi defendida originalmente por Goodall (1991).

Pelo contrário, a agramaticalidade de (7)-(8) e a gramaticalidade de (10)-(11) em Italiano e Português apontam para propriedades dos núcleos funcionais da frase nestas línguas diferentes das propostas por Zubizarreta (1998) para o Espanhol. Crucialmente, o núcleo funcional mais alto, que assumirei aqui ser *AgrS* em ambas as línguas (cf., entre outros, Belletti, 1990, Belletti & Schlonsky, 1995 para o Italiano; Martins, 1994, Duarte, 1997, Costa, 1998 para o PE) pode ou não ter um traço funcional de natureza discursiva [tópico], mas a verificação deste traço através de movimento para a posição de *Spec, AgrSP* está restringida a XPs sujeitos (básicos ou derivados)⁷.

Esta diferença de propriedades do núcleo funcional mais alto da frase estaria na base de uma generalização descritiva há muito notada na literatura: em Italiano e em Português em frases declarativas com verbos transitivos e ditransitivos em contextos neutros (*out of the blue*), só são legítimos sujeitos pós-verbais se os argumentos internos do verbo não forem DPs plenos.

3. Italiano vs. Português

Mas a semelhança de propriedades do Italiano e do Português quanto às condições que regulam a «inversão livre» com verbos transitivos e ditransitivos desaparece quando se consideram verbos inergativos e mesmo verbos inacusativos. De facto, nestes contextos, quando um complemento do verbo é lexicalmente realizado sob a forma de um PP, a ordem VS PP está mais restringida em Italiano do que em Português (veja-se o contraste entre (16) e (17)).

(16) Che cosa è successo?

- a. *Ha telefonato Masiero al avvocato. (*id*: 124)
- b. *Ha suonato il postino due volte. (*id*: 124)
- c. *È arrivato Piero a Roma. (*id*: 124)

(17) O que aconteceu?

- a. #Telefonou o Mário ao advogado.
- b. #Tocou o carteiro várias vezes.
- c. #Chegou o Pedro a Roma.

Enquanto as frases (16) são agramaticais em Italiano, as frases (17) são gramaticais em PE, tratando-se de respostas não apropriadas a perguntas que indu-

⁷ De acordo com esta análise, o que está em causa nas construções de Inversão Locativa não é a verificação de um traço [tópico], mas a verificação de EPP por um argumento locativo-temporal (cf. Pinto, 1997).

zem foco largo, mas apropriadas a perguntas de foco estreito (*Quem telefonou a quem? Quem tocou quantas vezes? Quem chegou aonde?*) ou de réplicas a afirmações como *Ninguém fez nada para resolver esse assunto, Ninguém tocou à porta, Ainda ninguém chegou ao destino previsto* (cf. Costa, 1998, 2000).

Uma segunda diferença entre as duas línguas reside no papel desempenhado pela Restrição de Definitude. Como salientaram vários autores (cf., por exemplo, Belletti, 1988, Calabrese, 1991), esta restrição desempenha um papel mais relevante na distribuição dos sujeitos pós-verbais em Italiano do que em Português (veja-se o contraste entre (16) e (18) e compare-se (17) com (19)).

- (18) a. ?Ha telefonato una ragazza a tuo fratello. (*id*: 124)
 b. ?Ha suonato un tizio due volte. (*id*: 124)
 c. ?È arrivato un marziano a Roma. (*id*: 124)

- (19) a. Telefonou uma rapariga ao teu irmão.
 b. Tocou um sino duas vezes.
 c. Chegou um marciano a Roma.

Embora a presença de um sujeito indefinido melhore o estatuto de frases com a ordem VS PP, ainda assim, a ordem preferencial em Italiano em frases com verbos inergativos e inacusativos e com sujeitos pós-verbais indefinidos é V PP S, como se pode observar em (20).

- (20) a. Ha telefonato a tuo fratello una ragazza.
 b. Ha suonato due volte un tizio.
 c. È arrivato a Roma un marziano.

Uma terceira diferença entre o Italiano e o Português reside na interpretação dos sujeitos indefinidos com verbos que admitem estruturas invertidas com foco largo. Neste caso, a ocorrência em posição pré-verbal determina que o sujeito receba uma interpretação forte (i.e, específica), enquanto a posição pós-verbal determina uma interpretação fraca, i.e., existencial (cf. Pinto, 1997). Assim, em (21a), o sujeito tem uma interpretação partitiva e em (21b) uma interpretação existencial.

- (21) a. *Due linguisti* sono arrivati. (Pinto, 1997:199)
 b. Sono arrivati *due linguisti*. (*id*: 199)

Pelo contrário, em Português, a posição pré-verbal dos sujeito indefinidos não induz necessariamente interpretação forte dos mesmos (compare-se (22a) com 22b)) e, sobretudo, a posição pós-verbal não determina uma interpretação fraca destes constituintes (compare-se (23a) com (23b)).

- (23) a. *Um aluno* chegou atrasado ao teste. É um aluno que eu conheço muito bem e que costuma ser pontual.
(interpretação referencial ou partitiva)
- b. *Um aluno* telefonou a pedir informações. Não faço ideia de quem se trata.
(interpretação existencial)
- (23) a. Chegou atrasado ao teste *um aluno*. Eu conheço-o muito bem e ele costuma ser pontual.
(interpretação referencial ou partitiva)
- b. Telefonou *um aluno* a pedir informações. Ninguém sabe de quem se trata.
(interpretação existencial)

Finalmente, outra diferença relevante entre o Italiano e o Português é a que diz respeito à possibilidade de ocorrência de sujeitos pós-verbais definidos – veja-se o contraste entre (24) e (25).

- (24) a. *Ha telefonato la ragazza.
b. *È arrivata la lettera.
- (25) a. Telefonou a rapariga.
b. Chegou a carta.

Contudo, como os exemplos (26) e (27) mostram, a posição pós-verbal não está vedada a todos os sujeitos definidos.

- (26) a. Ha telefonato la ragazza di Gianni. (Pinto (1997: 57))
b. È arrivata la lettera di Maria. (*id*: 57)
- (27) a. Ha telefonato Masiero. (Renzi (1988, org. :124))
b. È arrivato Piero. (*id*: 123)

O contraste entre frases como (24) e como (26) e (27) pode descrever-se recorrendo ao diferente tipo de denotação dos sujeitos: enquanto em (24) os sujeitos não denotam não ambigualmente uma entidade única no contexto discursivo em questão, os sujeitos pós-verbais de (26) e (27) fazem-no: em (26), devido aos sintagmas preposicionais genitivos *di Gianni* e *di Maria*; em (27), pelo facto de serem nomes próprios.

Este requisito de unicidade referencial dos sujeitos pós-verbais definidos em Italiano foi denominado Condição de Unicidade (cf. Calabrese (1991)) e, como a gramaticalidade de (24) e de (28)-(29) mostra, não se verifica em Português.

- (28) a. Telefonou a namorada do João.
b. Chegou a carta da Maria.
- (29) a. Telefonou o Mário.
b. Chegou o Pedro.

Em síntese: Diversas propriedades distinguem o Italiano do Português nas construções chamadas de inversão livre. Assim, a ordem VSO é permitida em Português, mas não em Italiano; com verbos de inversão, a interpretação forte e fraca dos sujeitos indefinidos é determinada em Italiano pela posição pré- e pós-verbal, respectivamente, ao contrário do que acontece em Português; a legitimação de sujeitos definidos em posição pós-verbal é regulada em Italiano pela Condição de Unicidade, contrariamente ao que sucede em Português.

As duas últimas propriedades sugerem que a ordem de palavras em Italiano privilegia questões de interpretação envolvendo LF, enquanto em Português numerosos estudos têm enfatizado a relevância das interfaces sintaxe-prosódia e sintaxe-discurso em PE para a ordem de palavras (cf., entre outros, Raposo, 1997, Ambar, 1992, Frota & Vigário, 1996, Costa, 1998). Antes de extrairmos consequências desta diferença, vejamos que propriedades comuns partilham o Italiano e o Português.

Tal como em Português, a ordem de palavras canónica em Italiano é SVO(X). A aplicação a derivações com esta ordem de palavras da *Regra de Proeminência do Foco (FPR)* marca como [+ Foco] o constituinte mais profundamente encaixado (cf. Zubizarreta, 1998). Por sua vez, a *Regra de Acento Nuclear (NSR)* faz igualmente recair sobre este constituinte o acento nuclear, como proposto em Cinque (1993).

Contudo, há casos em que existe conflito entre o resultado da aplicação de cada uma destas duas regras. Nestes casos, as línguas podem solucionar tal conflito através de uma estratégia prosódica ou de uma estratégia sintáctica (cf. Zubizarreta, 1998). Línguas como o Inglês, o Alemão e o Francês utilizam uma estratégia prosódica (um acento sobre o constituinte marcado como [+ F(oco)]) por *FPR*, o que significa que os constituintes mais encaixados marcados como [- F(oco)] são invisíveis para *NSR* (cf. (30))⁸.

(30) a. Who ate an apple?

b. JOHN [_{VP} ate [_{DP} an apple]].

[+F]	[- F]	[- F]	<i>FPR</i>
*			<i>NSR</i>

Pelo contrário, línguas como o Italiano e o Português, usam uma estratégia sintáctica para resolução dos conflitos entre *FPR* e *NSR*, i.e., usam a ordem de palavras para compatibilizar os resultados da aplicação das duas regras. Nas línguas que seguem esta opção, todos os constituintes soletrados, i.e., fonologicamente especificados, são metricamente visíveis para o algoritmo de

⁸ * assinala o constituinte em que recai o acento nuclear.

atribuição do acento nuclear. Assim, em Português, a derivação correspondente a (31b) exibiria um conflito entre *FPR* e *NSR*, uma vez que o acento nuclear de frase recairia sobre um constituinte marcado como [- F(oco)].

- (31) a. Quem comeu uma maçã?
 b. *O João ... [TP ... comeu [VP ... uma maçã]].
- | | | | |
|-------|-------|-------|------------|
| [+ F] | [- F] | [- F] | <i>FPR</i> |
| | | * | <i>NSR</i> |

A estratégia usada para fazer com que a resposta a (31a) seja uma derivação convergente consiste em assegurar que o constituinte marcado como [+ F] pela *FPR*, o *João* no exemplo considerado, seja o constituinte fonologicamente realizado mais encaixado. Uma derivação como (32b), em que o sujeito permanece em *Spec*, VP e o objecto foi movido por *Scrambling* para adjunção a VP, evita o conflito entre *FPR* e *NSR*⁹.

- (32) a. Quem comeu uma maçã?
 b. [_{Ag_{SP}} ... Comeu [_{VP} [uma maçã] [_{VP} o João ...]]].
- | | | | |
|-------|-------|-------|------------|
| [- F] | [- F] | [+ F] | <i>FPR</i> |
| | | * | <i>NSR</i> |

Se Italiano e Português podem usar a estratégia sintáctica para acomodar estrutura informacional da frase e acento nuclear de frase, a que se deve a impossibilidade de ordem VSO do Italiano e as restrições semânticas sobre sujeitos pós-verbais?

Se considerarmos as restrições semânticas sobre sujeitos pós-verbais como uma indicação da «orientação para LF» do Italiano, é plausível formular a hipótese de que, nas frases com sujeitos pós-verbais, está activo nesta língua um núcleo funcional Foco, como proposto em Belletti & Schlonsky (1995) e Zubizarreta (1998), que atrai para a sua posição de especificador o constituinte marcado como [+ F], sendo eliminadas em LF as derivações em que o mesmo não satisfaça condições semânticas como a Condição de Unicidade. Adopto aqui a hipótese de que este núcleo funcional se encontra localizado na arquitectura da frase imediatamente acima de VP¹⁰. A generalização apresentada em (33) é uma concretização desta hipótese.

⁹ Adopto aqui a análise proposta em Costa, 1997, 1998 para as frases com ordem VOS em Português. Em Italiano a resposta exhibe igualmente a ordem VOS mas a derivação que a origina não é idêntica.

¹⁰ Zubizarreta (1998) também assume a existência de uma projecção funcional FocP na derivação deste tipo de frases em Italiano, mas localiza-a na periferia esquerda da frase, pelo que deriva a ordem VOS por movimento do IP *remnant* para a posição de adjunto a FocP.

Enquanto em Português a derivação convergente tem como resultado uma ordem VSO a derivação correspondente em Italiano origina uma ordem VOS.

Assumindo a análise proposta em Duarte (1997), os exemplos do Português são o resultado da entrada na numeração de um nó *AgrS* sem traço [tópico]. Nestas condições, a única derivação convergente é a que origina a ordem VSO: o algoritmo *NSR* atribui o acento nuclear ao constituinte mais encaixado, o objecto, o qual faz parte do constituinte ao qual é atribuído pela *FPR* o traço [+ F] – *AgrSP*.

Quanto ao Italiano, assumindo (33), o sujeito pós-verbal ocupa a posição de *Spec*, *FocP*, sendo, por isso, o candidato adequado para receber o acento nuclear de frase, resultado que a ordem V S PP não garantiria. Neste caso, o Italiano recorre à estratégia de mover o PP por *Scrambling* para a posição de adjunção à esquerda a *FocP*¹³.

4. Conclusões

Neste trabalho, tentei derivar a possibilidade das construções chamadas de inversão livre observadas em Português, Espanhol e Italiano da fixação do valor positivo para o Parâmetro do Sujeito Nulo (como é clássico fazer) e da opção escolhida pelas três línguas de utilização de uma estratégia sintáctica para resolução dos conflitos entre os resultados da aplicação de *FPR* e de *NSR*.

Adoptei a proposta de Zubizarreta (1998) de que as diferenças entre o Espanhol, por um lado, e o Português e o Italiano, por outro, se devem a propriedades do núcleo funcional mais alto na primeira: um núcleo sincrético que pode albergar traços de [tópico], [*wh*-], etc., pelo que esta língua manifesta uma fenomenologia V/2 em IP.

Finalmente, atribuí as diferenças entre o Português e o Italiano à «orientação para LF» desta última língua, orientação que legitima a presença, nas construções em análise, de um núcleo *FocP* para a posição de especificador do qual o sujeito é atraído. A interacção desta hipótese com movimento visível do objecto para verificação de Caso acusativo e *Scrambling* de PP, independentemente motivados para o Italiano, permitiu-me derivar a possibilidade *vs*.

¹³ O *Scrambling* de PP em Italiano foi proposto em Bianchi (1993) para dar conta de contrastes como o que se observa entre (ia) e (ib). Foi igualmente proposto por Belletti & Schlosky (1995) como análise para os casos de *Heavy Object Shift*.

(i) a. Hanno dato a Gianni finalmente una bella lezione.

b. ??Hanno dato finalmente a Gianni una bella lezione.

impossibilidade da ordem VSO em Português e Italiano e atribuir uma estrutura diferente às frases com ordem VOS em ambas as línguas.

Como é desejável em Teoria da Gramática, a possibilidade de «inversão livre» que caracteriza as três línguas e as diferenças de comportamento observáveis nestas construções foram derivadas, por um lado, de opções idênticas para valores paramétricos e, por outro, dos núcleos funcionais nelas presentes e das propriedades que os caracterizam.

Bibliografia

- ALEXIADOU, A. & ANAGNOSTOPOULOU, E. (2001) – «Subject-in-Situ Generalization and Role of Case». *Linguistic Inquiry*, 32(2).
- AMBAR, M. (1992) – *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito-Verbo em Português*. Lisboa: Colibri.
- BARBOSA, P. (2000) – «Clitics: a Window into the Null Subject Property». In Costa, org. *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford: Oxford University Press.
- BAILYN, J. F. (2001) – *Generalized Inversion*. Suny, ms.
- BELLETTI, A. (1988) – «The Case of Unaccusatives». *Linguistic Inquiry*, 19(1).
- BELLETTI, A. (1990) – *Generalized Verb Movement. Aspects of Verb Syntax*. Turim: Rosenberg and Sellier.
- BELLETTI, A. & U. Schlonky (1995) – «Order of Verbal Complements: A Comparative Study». *Natural Language and Linguistic Theory*, 13(3).
- BIANCHI, V. (1993) – *An Empirical Contribution to the Study of Idiomatic Expressions*. Scuola Normale Superiore di Pisa, ms.
- BURZIO, L. (1981/1986) – *Italian Syntax. A Government-Binding Approach*. Dordrecht: Reidel.
- CALABRESE, A. (1991) – «Some Remarks on Focus and Logical Structures in Italian». *Harvard Working Papers in Linguistics*.
- CHOMSKY, N. (1981) – *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- CHOMSKY, N. (1995) – *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- CINQUE, G. (1993) – «A Null Theory of Phrase and Compound Stress». *Linguistic Inquiry*, 24(3).
- CINQUE, G. (1999) – *Adverbs and the Universal Hierarchy of Functional Projections. A Cross-Linguistic Perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- COSTA, J. (1997) – «Scrambling in European Portuguese». In *SCIL*, 8. *MIT Working Papers in Linguistics*.
- COSTA, J. (1998) – *Word Order Variation. A Constraint-Based Approach*. Haia: Holland Academic Graphics.
- COSTA, J. (2000) – «Word Order and Discourse-Configurability in European Portuguese». In Costa, org. *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford: Oxford University Press.
- COSTA, J. & I. Duarte – «Pre-verbal subjects in null-subject languages are not necessarily dislocated». *Journal of Portuguese Linguistics*, 1(2), pp. 159-175.
- CUNHA, C. & LINDLEY CINTRA, L. F. (1984) – *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- DUARTE, I. (1987) – *A Construção de Topicalização na Gramática do Português*. Regência, *Ligação e Condições sobre Movimento*. Lisboa, Dissertação de doutoramento.

- DUARTE, I. (1996) – «A Topicalização no Português Europeu: Uma Análise Comparativa». In Duarte & Leiria (orgs.). *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Vol I. Lisboa: APL/Colibri.
- DUARTE, I. (1997) – «Ordem de Palavras: Sintaxe e Estrutura Discursiva». In A. M. Brito *et alii*, (orgs.) *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras.
- GOODALL, G. (1991) – «On the Status of Spec of IP». In Bates, (org.). *Proceedings of the Tenth West Coast Conference on Formal Linguistics*. Stanford: CSLI.
- GUÉRON, J. (1980) – «On the Syntax and Semantics of PP Extraposition». *Linguistic Inquiry*, 11(4).
- É. KISS, K. (1995) – «NP Movement, Operator Movement and Scrambling in Hungarian». In É. Kiss, K. (1995), (org.).
- É. KISS, K., (org.) (1995) – *Discourse Configurational Languages*. Oxford: Oxford University Press.
- FROTA, S. & M. Vigário (1996) – *On Weight Effects in European Portuguese*. Comunicação apresentada ao Colóquio do GLOW sobre *Weight Effects*, Atenas.
- KURODA, S.-Y. (1972-1973) – «The Categorical and the Thetic Judgement». *Foundations of Language*, 9.
- LASNIK, H. (2001) – «A Note on the EPP». *Linguistic Inquiry*, 32(2).
- MARTINS, A. M. (1994) – *Clíticos na História do Português*. Universidade de Lisboa, Dissertação de doutoramento.
- PINTO, M. (1997) – *Licensing and Interpretation of Inverted Subjects in Italian*. OTS, Universidade de Utrecht, Dissertação de PhD.
- RAPOSO, E. (1997) – «Deslocamento e Mover α . Uma Solução para o Problema do 'EPP'». In A. M. Brito *et alii*, (orgs.). *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras.
- REINHART, T. (1982) – *Pragmatics and Linguistics: An Analysis of Sentence Topics*. Bloomington, Indiana: Indiana University Linguistics Club.
- REINHART, T. (1995) – *Interface Strategies*. OTS, Universidade de Utrecht.
- RENZI, L., (org.) (1988) – *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*. Vol. 1. Bolonha: Il Mulino.
- RIZZI, L. (1982) – *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris.
- RIZZI, L. (1991) – «Residual Verb Second and the Wh-Criterion». Universidade de Genève, *Technical Report 2*.
- ZUBIZARRETA, M. L. (1998) – *Prosody, Focus, and Word Order*. Cambridge, MA: The MIT Press.